

REFLEXÕES SOBRE A CLONAGEM

Luiz Otávio Soares Dornellas

Pode-se abordar o controverso tema da clonagem sob muitas óticas diferentes e essa reflexão talvez seja mais fundamental que o próprio aspecto científico ou moral. A Ciência se preocupa basicamente em responder a duas questões: é possível? é útil? Hoje sabemos que a clonagem é possível, o que já basta para estimular o seu desenvolvimento. É assim que o espírito científico humano, curioso e ousado por natureza, funciona. Quanto à utilidade, não há dúvidas. O uso das técnicas de clonagem e de sua associada, a engenharia genética, possibilitarão novas descobertas e aplicações benéficas ao ser humano, como o desenvolvimento e difusão de espécies vegetais e animais mais resistentes e produtivas, com o conseqüente aumento, tanto no volume quanto no valor nutritivo, da produção alimentícia.

Da visão científica, no entanto, passa-se para a questão moral e os temores desencadeados pela clonagem humana. É possível? Se é, fatalmente será feito, com ou sem a aprovação da sociedade e dos governos. É útil? A maior parte de seus usos parece responder apenas a anseios provocados pelo desconhecimento. Fazer um clone de si mesmo para viver eternamente é ignorância. Clonar um filho ou ente querido morto para recuperar aquela pessoa, idem. Por mais que a genética seja fundamental, a própria ciência sabe que ela sozinha não determina o ser que se desenvolverá. Cada um é único e nessa originalidade reside grande parcela do valor especial da vida humana. Nossa consciência se forja da interação constante entre a genética e o ambiente que nos rodeia. Não somos seres isolados, mecânicos e pré-fabricados, mas também sociais, naturais e criativos.

As críticas contra a clonagem baseiam-se numa provável desvalorização da pessoa humana. Pensa-se na criação de exércitos de clones; clones feitos especialmente para serem retalhados e doar órgãos ou para trabalho “escravo”; clones modificados para exercerem melhor algum tipo de atividade. Em todas estas descrições está embutido um conceito absolutamente errôneo de que os clones não seriam “seres humanos normais”, o que nos faz perceber a falta de uma resposta apropriada às perguntas fundamentais referentes à essência do ser humano.

Muitos dizem que a clonagem seria uma forma do ser humano usurpar o lugar de Deus como criador da vida. Neste ponto, introduz-se um outro tipo de ótica, a religiosa, sempre sujeita a variadas interpretações. A cena do pecado original, por exemplo, poderia estar se repetindo. O ser humano estaria buscando um conhecimento restrito ao divino e o desastre seria iminente. Vem daí a motivação para vários discursos obscuros e retrógrados que condenam qualquer avanço científico aliados à máxima “há coisas que não são dadas ao homem conhecer”. Por outro lado, algumas idéias esotéricas ou pseudocientíficas a respeito da criação do homem podem até servir de certa “sustentação” teológica para a clonagem, mas não devem ser levadas a sério. Quando lemos a história bíblica da criação, não negamos que Adão seja um ser humano normal, apesar de não ter sido concebido nem nascido da forma habitual. Da mesma forma, não vemos em Eva o primeiro “clone” geneticamente transformado, mesmo tendo sido formada a partir da costela de Adão, osso dos seus ossos, carne de sua carne. O desafio para uma postura religiosa equilibrada consiste, em primeiro lugar, em não se deixar levar por interpretações falaciosas de qualquer tipo. Não se trata de ser a favor da ciência e contra a religião, ou vice-versa. Sobre este embate milenar reside a principal reflexão, geralmente deixada em segundo plano, que a clonagem deve despertar.

Alguns textos bíblicos podem nos lançar uma luz sobre toda esta polêmica. Paulo aconselha, em 1 Ts 5:21, “julgai todas as coisas, retende o que é bom”. Em 1 Co 10:23, ele repete o aviso: “todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm”. Percebe-se mais claramente os erros das duas correntes. A Ciência está sempre pronta a buscar todas as formas de conhecimento, só por serem possíveis, esquecendo muitas vezes da sua conveniência, de sua utilidade e da dualidade entre os benefícios e os malefícios que determinada tecnologia ou saber pode acarretar. Já os setores mais

extremados das religiões muitas vezes se esquecem exatamente de avaliar os progressos e reter o que é proveitoso, preferindo emitir juízos preconcebidos. Nas duas posições nota-se uma intransigência mútua. A Ciência vê os questionamentos religiosos como obstáculos edificadas por mentalidades ignorantes e primitivas. A religião vê as descobertas da ciência como perigos, tentações ou mesmo frutos do mal.

O químico francês Paul Sabatier disse certa vez que “contrapor ciência à religião é coisa de gente pouco informada tanto em um como no outro assunto”. Albert Einstein, o célebre físico suíço, foi mais longe ao dizer que “a religião sem ciência é manca e a ciência sem religião é cega”. Enquanto a religião e a ciência se enxergam como “inimigas” inconciliáveis, proliferam os verdadeiros atentados contra a vida humana, e que surgem precisamente do vazio deixado por esta “briga”. Não precisamos ficar preocupados com os problemas que a clonagem provocará no futuro. Hoje mesmo, em todo o mundo, já assistimos assustados a uma crescente disseminação de práticas e idéias que violentam a pessoa e a razão humanas. Fome, guerras, poluição, chacinas, crimes bárbaros, prostituição infantil, drogas legais e ilegais, a automatização do ser humano, a perda de um sentido para a vida... Em contrapartida, muitos têm buscado um refúgio em esoterismos, magias e misticismos dos mais variados, “vidas passadas”, discos-voadores, espiritismo, seitas e igrejas que prometem bênçãos e milagres, exploração da fé do povo, sem falar em movimentos políticos de todos os matizes que tentam manipular ideologicamente o descontentamento, os medos e o sofrimento da população.

Em todos esses problemas, a responsabilidade, total ou parcial, recai numa ciência que se tornou distante, incompreensível e incapaz de atender às necessidades humanas, além de vir sendo usada de forma inescrupulosa e irrefletida. Uma ciência cega. Mas há o outro lado da moeda. O mundo sofre também por conta da rejeição e do descrédito em Deus e nos valores religiosos, provocados em grande parte pelo acúmulo de erros cometidos pela Igreja ao longo de sua história, como vínculos escusos com os poderes econômicos e políticos dominantes e a pretensão de posse exclusiva da verdade, recusando-se a aceitar outras formas de conhecimento. Uma religião manca. Por conta de séculos de desmandos, corrupção e perseguições, o filósofo alemão Nietzsche chegou ao infeliz ponto de anunciar a morte de Deus. Tristemente, muitos lhe deram ouvidos. Mais triste ainda é constatar que muitos não atentaram para as causas de tal afirmação radical e permanecem incapazes de uma autocrítica construtiva. Enquanto isso, todas as realidades negativas descritas acima estão avançando e desmentindo a vida em abundância que Jesus anunciou.

Voltando à questão da clonagem, percebe-se, então, um grande ponto positivo. Ela está provocando debates, reflexões e questionamentos éticos, morais, filosóficos e religiosos. Por ser um tema polêmico e até alarmante, demanda uma reação por parte das pessoas, assim como aconteceu com os recentes crimes que chocaram o país. Pode-se até apontar culpados (o mal, os sistemas econômicos, os poderosos...) e buscar soluções mirabolantes (lutas religiosas, alienação, violência, revoluções...), mas se a sociedade não buscar um equilíbrio entre a visão religiosa e científica, dificilmente teremos uma verdadeira solução dos problemas que afligem o mundo contemporâneo, e a clonagem pode vir a ser apenas mais um deles. Um bom início de caminhada pode ser conseguido se nós, que como metodistas temos o equilíbrio como um importante preceito, concentrarmos nosso discurso e prática nos dois mandamentos citados por Jesus em Mateus 22: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento e amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Não há ciência superior à verdade, nem religião mais elevada que o amor, disse Leoni Kasseff. Deus é a Verdade. Deus é o Amor. Precisamos buscá-lo de forma completa. Certamente uma religião e uma fé racionais, assim como uma ciência fundamentada e orientada pelo conhecimento e pelo amor de Deus, serão capazes de edificar uma sociedade mais justa e consciente. Desta forma, todos perceberemos que uma técnica, por mais controvertida que seja, não precisa ser temida e sim utilizada com sabedoria.